MULHERES NA RESISTÊNCIA À DITADURA CIVIL-MILITAR: TRAJETÓRIAS FEMININAS NOS CURRÍCULOS DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

Micaele Mesquita dos Santos
Universidade do Estado da Bahia, Caetité, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0009-0003-2157-3051
Endereço eletrônico: micaelemesquitadossantos@gmail.com

Nivaldo Osvaldo Dutra
Universidade do Estado da Bahia, Caetité, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-4543-2515
Endereço eletrônico: ndutra@uneb.br

Palavras-chave: mulheres; memória; Ditadura Civil-Militar; Ensino de História

INTRODUÇÃO

Embora a historiografia recente tenha pontuado a visibilidade feminina nos diversos eventos políticos e sociais, ainda são poucos os estudos que destacam as trajetórias de mulheres nas guerrilhas e nos movimentos estudantis durante a Ditadura Civil-Militar (1964-1985) no Brasil — sobretudo numa perspectiva de análise curricular e de uso como prática pedagógica nas licenciaturas em História.

Como aponta Silva (2021), a ausência de debates e componentes disciplinares sobre gênero e História das Mulheres na graduação reflete diretamente na atuação docente em sala de aula, reforçando o apagamento e o silenciamento das mulheres. Além disso, Pollack (1989, p. 07), acerca do enquadramento da memória, pontua que a "referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem a sociedade".

Com a instauração da ditadura, muitas mulheres já inseridas nos movimentos estudantis passaram a atuar na clandestinidade em organizações de esquerda, enfrentando, além dos aparatos ditatoriais, o machismo dos próprios companheiros de militância (Alves, 2021). Nesse contexto destacam-se as baianas Dinalva Oliveira Teixeira e Dinaelza Soares

Coqueiro, ambas integrantes do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e participantes da Guerrilha do Araguaia (1966-1974).

Conhecidas como as "Dinas do Araguaia", ocuparam espaços incomuns às mulheres do período: Dinalva foi a única mulher a exercer o cargo de subcomandante de destacamento, atuando ainda como parteira e professora (Colling; Cavalcanti Junior, 2021), enquanto Dinaelza ficou conhecida pela coragem e liderança entre os moradores da região (Albuquerque Cavalcanti Junior; Padre, 2023). Ambas foram torturadas, assassinadas e ainda permanecem desaparecidas.

Diante disso, como aponta Michelle Perrot (2005), escrever a história das mulheres implica destacar seus envolvimentos nos processos políticos em diferentes épocas e contextos. Assim, este artigo tem como objetivo analisar como os cursos de História da Universidade do Estado da Bahia (UNEB – Campus VI, Caetité) e da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB – Campus Vitória da Conquista) abordam a participação das mulheres baianas na resistência à Ditadura Civil-Militar, com ênfase nas trajetórias de Dinalva Oliveira Teixeira e Dinaelza Soares Santana Coqueiro, identificando lacunas, estratégias pedagógicas e possibilidades de ressignificação dessa memória no ensino superior, contribuindo para a construção de uma memória histórica crítica e plural (Ricouer, 2007).

METODOLOGIA

A pesquisa bibliográfica adotou abordagem qualitativa, evidenciando apenas artigos científicos por constituírem a principal via de circulação e atualização do conhecimento acadêmico. Para o levantamento e sistematização das fontes, seguimos as fases propostas por Lakatos e Marconi (2010): identificação, localização, compilação e fichamento. O levantamento foi realizado no *Portal de Periódicos da CAPES*, a *Scientific Electronic Library Online (SciELO)* e o *Google Scholar,* conduzido entre abril e maio de 2026.

Foi delimitado um recorte temporal, que abrangeu o período de 2021 a 2026. Dessa forma, os descritores combinados foram organizados em torno de quatro eixos temáticos: formação de professores e currículo do curso de História; resistência feminina e militância na Ditadura Civil-Militar no Ensino de História; trajetórias de Dinalva Oliveira Teixeira e Dinaelza Soares Santana Coqueiro na Guerrilha do Araguaia; e produções acadêmicas com atenção à UNEB e à UESB.

Após a etapa de identificação, procedeu-se à localização por meio da leitura de títulos e resumos, considerando a relação direta com ao menos um dos quatro eixos e o período de publicação, seguida da leitura integral das produções selecionadas. Os artigos foram então compilados por eixo temático e submetidos a fichamento. As etapas buscaram examinar a presença — ou ausência — de produções científicas sobre a militância feminina na Ditadura Civil-Militar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o levantamento, chegamos ao resultado de 18 artigos científicos, consultadas nas bases de dados *Portal de Periódicos da CAPES*, a *Scientific Electronic Library Online (SciELO)* e o *Google Scholar,* com o período de 2021 a 2026, realizado em abril e maio. Ressalta-se que os artigos foram organizados de acordo com cada eixo temático proposto para análise. Pontuaremos alguns dos autores que se aproximam acerca do nosso objetivo.

Levando-se em consideração a importância da discussão de gênero na formação inicial docente, no eixo temático formação de professores e currículo, foram localizados os artigos de as produções que reforçam as questões de gênero e sexualidade dentro das universidades, especialmente nos cursos de licenciatura em História ou das Ciências Humanas.

Tamanini, Silva e Soares (2021) tratam diretamente da invisibilidade das mulheres nos currículos da Licenciatura em História, enquanto Duarte e Finco (2024) analisam a importância dos estudos de gênero nos cursos de licenciaturas a partir dos relatórios da UNESCO de 2014 e 2017. No entanto, nenhuma das produções aborda a relação entre gênero, Ditadura Civil-Militar e formação inicial de professores.

No entanto, no eixo com o recorte sobre a resistência feminina e militância na Ditadura Civil-Militar no Ensino de História, constatou-se artigos que discutem acerca das presenças de mulheres nas organizações de esquerda no período ditatorial e sua inserção no ensino de História no ensino básico. Dessa forma, Oliveira (2021) enfatiza as memórias das militantes apagadas nos livros didáticos, traçando a discussão sobre transformar a historiografia e o ensino feminista acadêmico em preparo na formação inicial da professora e professor, para além da pesquisa.

Dentro da mesma perspectiva, Rodrigues (2021) destaca a relevância do uso de fontes históricas para além do livro didático em sala de aula, abordando a discussão sobre as

mulheres militantes e as políticas de preservação de memória e reparação do passado traumático citando o monumento "Aos 27 Baianos Mortos e Desaparecidos Políticos, Vítimas da Ditadura Militar", em Vitória da Conquista, no qual está lapidado o nome de Dinaelza Soares Coqueiro e de outras mulheres que ousaram lutar contra a Ditadura Civil-Militar no Brasil.

No que se refere as trajetórias de Dinalva Oliveira Teixeira e Dinaelza Soares Santana Coqueiro na Guerrilha do Araguaia, localizamos quatro produções acadêmicas de coautoria realizadas pelos autores Cavalcanti Junior e Lima, com anos de publicações em 2022, 2023 e 2024, além disso, um artigo em 2020, realizado por Cavalcanti Junior. Os artigos as abordam de forma biográfica, ressaltando as trajetórias das “Dinas do Araguaia”, desde a militância estudantil até seus últimos momentos na Guerrilha do Araguaia. Porém, nenhuma das pesquisas abordam as trajetórias destas mulheres com a discussão acerca da presença - ou ausências – nos currículos acadêmicos das licenciaturas de História.

No decorrer da revisão de artigos de nas bases de dados, localizamos produções de pesquisadores da UNEB (Campus VI) e da UESB (Campus Vitória da Conquista) relacionam-se com a temática. Silva e Pina (2022) analisam o ensino de História em Vitória da Conquista durante a ditadura, enquanto Silva e Leite (2024) evidenciam as trajetórias das mulheres baianas para além da militância política. Além disso, alguns dos artigos de Cavalcanti Junior e Lima também estão atrelados a estas intuições acadêmicas. Portanto, essas produções podem significar um possível debate existente nos cursos de licenciaturas das universidades investigadas.

Assim, os levantamentos demonstram as lacunas presentes, como a ausência de pesquisas que articulem a militância feminina na Ditadura Civil-Militar e os currículos dos cursos de Licenciatura em História, bem como a escassez de trabalhos que tratem Dinalva Oliveira e Dinaelza Coqueiro enquanto possibilidade de evidenciá-las no contexto do ensino de História na formação inicial de docentes.

CONCLUSÕES

Rago (1998), ao discutir acerca da relação entre a epistemologia, gênero e a História, pontua que ainda é um desafio para a teoria feminista em romper com uma produção cientifica que fuja da tradição cientifica dominada na Ciências Humanas, em que sustentam a

invisibilidade das mulheres nos processos históricos. Dessa forma, diante do mapeamento feito, observamos que ainda são poucas as pesquisas que têm como objetivo analisar a abordagem de mulheres, enquanto sujeitos históricos, nos currículos das licenciaturas em História.

Além disso, apesar de algumas produções acerca das mulheres, e especificamente de Dinalva e Dinaelza, vinculadas com a UNEB (Campus VI) e a UESB (Campus - Vitória da Conquista), nenhuma entra na discussão entre a memória e o currículo nas licenciaturas em História destas instituições. Portanto, analisar a participação dessas mulheres na resistência, permite compreender os mecanismos que marginalizaram essas memórias e a avaliar como são abordadas na formação docente, considerando a relação entre gênero, memória e ensino.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE CAVALCANTI JUNIOR, Ary; LIMA, G. de Oliveira Padre. **"As Dinas do Araguaia": trajetórias, idealismos e protagonismos contra a ditadura militar (1966-1974).** Caminhos da História, v. 28, n. 2, p. 103–122, 2023.

ALVES, M. E. R. **Feminismo e mulheres na resistência à ditadura brasileira de 1964-1985.** Revista Em Pauta: Teoria Social e Realidade Contemporânea, v. 19, n. 47, 2021.

COLLING, Ana Maria.; CAVALCANTI JUNIOR, Ary Albuquerque. **Dina do Araguaia: Relações de Poder e Resistência na Guerrilha do Araguaia.** História e Gênero – A Diversidade de Resistências Femininas no Brasil dos Anos de Chumbo. 2021, vol. 2. p. 57-78.

Lakatos, EM; Marconi, MA. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2010.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história.** Bauru, SP: EDUSC, 2005.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Tradução Dora Rocha Flaksman. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. In: PEDRO, Joana Maria e GROSSI, Miriam Pilar (Org.). **Masculino, Feminino, Plural: gênero na interdisciplinaridade.** Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Campinas: UNICAMP, 2007.